

UMA ANÁLISE DA RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL DO SETOR DE CELULOSE E PAPEL COMO FATOR DE INICIATIVA PARA MÉDIAS E PEQUENAS EMPRESAS

Zenildo Luiz de Abreu
Faculdade de Agudos, FAAG

Resumo

Uma economia renovada tem interferido diariamente nas ações e expectativas dos cidadãos. As práticas empresariais foram por muito tempo desenvolvidas vislumbrando apenas resultados financeiros, porém, vivemos numa realidade em que as empresas necessitam se remodelarem, esta realidade é imposta pela sociedade e pelo mercado, por isso, muitas organizações começaram a rever suas formas de trabalharem com os aspectos sócio-ambientais. Este artigo tem como objetivo apresentar os impactos ocasionados por ações direcionadas à responsabilidade socioambiental desenvolvidas por empresas do setor de celulose e papel. No Brasil e no mundo, grandes e médias empresas do setor têm focado seus esforços nesta área. A efetivação destas ações é buscada por intermédio da mitigação dos impactos baseados em projetos que melhor utilizem os recursos naturais e humanos, a busca da energia renovável é um grande exemplo. O estudo verifica as contribuições geradas à sociedade, envolvida ou não com o segmento, e também ao meio ambiente, por intermédio de projetos implantados por empresas do setor de celulose e papel. Para desenvolver ações sócio-responsável é preciso compreender o conceito de sustentabilidade, isto é, conhecer o tripé da sustentabilidade. Isso significa que ações socioambientais não são simplesmente agregadoras de custos, mas sim disseminadoras de melhorias na qualidade de vida e renda das pessoas, como também na manutenção e preservação do ambiente e da continuidade dos negócios.

Palavras-chave: Responsabilidade Socioambiental; Celulose e papel; Sustentabilidade

Abstract: A renewed economy has been interfering daily in the actions and citizens' expectations. The managerial practices were for a long time developed just showing financial results, however, we live in a reality in that the companies need to modify ; this reality is imposed by the society and market so ,a lot of organizations began to review the way of work with the socioenvironmental aspects. This article has as objective to present the impacts caused by actions directed to the responsibility socioenvironmental developed by companies of cellulose and paper. In Brazil and in the world, big and intermediate companies of this section have the focus in this area. The accomplishment of these actions is seeked through the moderation of the impacts based on projects that can use in a better way the natural and human resources, the search of the renewable energy is a great example. The study verifies the contributions generated to the society, involved or not with the segment, and also to the environment, through projects implanted by companies of cellulose and paper. To develop actions socio-responsible is necessary to understand the susteinability concept that is, to know the tripod of the susteinability. This means that actions socioenvironmental are not simply joined of costs, but diffusers of improvements in the quality of life and the people's income, as well as in the maintenance and preservation of the atmosphere and the continuity of the businesses.

Key-words: SocioEnvironmental Responsibility; Cellulose and Paper; Susteinability

1 INTRODUÇÃO

Explorar os recursos naturais sempre foi uma atividade humana, depois da Revolução Industrial a ampliação desta exploração provocou alterações significativas em nosso ecossistema. De acordo com Almeida(2007) nos últimos 50 anos o homem extraiu muito mais elementos da natureza do que nos dois séculos passados e por isso alguns reflexos negativos estão interferindo diretamente no equilíbrio natural de nosso planeta.

As análises dos impactos gerados pela atuação das organizações na busca destes resultados sempre foram praticadas de forma imatura e superficial, seja nos âmbitos sociais e ambientais. Esse processo auxiliou a aceleração da degeneração dos recursos naturais do planeta Terra. O setor de celulose e papel por meio de seu representante Horácio Lafer Piva (2006), presidente da Associação Brasileira de Celulose e Papel, afirma que “crescer de forma sustentável é o desafio do século”.

A natureza possui ciclos regenerativos e o homem tirou os recursos da natureza sem se preocupar com sua reposição, o que causou grande devastação principalmente na fauna e flora, é comum ouvirmos sobre

espécies em extinção. Grande parte do capital natural disponível no meio ambiente, hoje, está comprometida, pois a extração que gerou riquezas e ajudou a melhorar a vida de milhares de pessoas, deixou-nos também um passivo.

Para tanto Almeida (2007, p.12) afirma que as atividades humanas levaram o planeta à beira de uma onda maciça de extinção de várias espécies animais, vegetais e minerais, ameaçando cada vez mais o bem-estar dos seres humanos.

Diante desta frenética intervenção no ambiente, na busca de satisfazer a necessidade e atender a demanda que o próprio homem gerou, criou-se um passivo ambiental que podemos chamar de aquecimento global. Esta herança foi herdada sem que se desejasse, contudo esta realidade precisa ser avaliada e a buscar pelo menos o equilíbrio, especialistas dizem que a proporção de água no mundo não mudou e sim a população que aumentou, por esse motivo precisamos avaliar nossos conceitos em relação ao consumo, este é apenas um sinal que nos afeta diretamente, mas temos mais itens em relação ao equilíbrio sócio-ambiental para nos atentarmos.

2 OBJETIVOS

Este artigo objetiva apresentar ações de responsabilidade socioambiental desenvolvidas por empresas do setor de celulose e papel que atuam no Estado de São Paulo. O foco deste se justifica pela relevância que os *stakeholders* têm

depositado em organizações que atuam com a visão de sustentabilidade, em consequência a vantagem que tais empresas adquirem perante o mercado adotando esta filosofia.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Alterações climáticas por motivos antrópicos têm sido uma constante em todos os tempos. A derrubada de matas para a obtenção de madeira, lenha, espaço para agricultura, indústrias e assentamentos humanos sempre provoca alterações no clima local (BARBIERI, 2006, p. 31).

A emissão de gases causadores do efeito estufa é o que mais impacta a infraestrutura de serviços ambientais. Para Almeida (2007), causa desta degradação está na mudança que a civilização impõe ao ecossistema, em consequência, temos o aquecimento global. Os serviços ambientais são finitos e, é necessário que se permita sua natural regeneração, com o ritmo das atividades humanas na utilização dos serviços ambientais não é possível garantir que o ecossistema tenha capacidade de se regenerar e atender as futuras gerações.

Devido ao grande movimento e a real necessidade que vivemos, as atuações das organizações começam a serem observadas de maneira diferenciada, a busca pela mitigação dos fatores causadores dos impactos tanto ambientais como sociais significativa de recursos naturais e figuramos como elemento importante entre as nações preocupadas com o meio ambiente em reduzir ações de degradação.

Dada a importância da utilização eficiente dos elementos que compõem nosso ecossistema e visando a perpetuidade das espécies, agentes da sociedade principalmente por meio de ONG's e dos governos, têm voltado ampla atenção para o uso correto dos bens que o capital natural produz, de modo que, futuras gerações também tenham a possibilidade de desfrutar daquilo que a natureza nos oferece.

A preservação do que ainda existe é muito lembrada. No entanto, Almeida (2007)

devem caminhar em parceria, objetivando sempre o equilíbrio, sem inviabilizar a atividade econômica desenvolvida pela organização.

3.1 CAPITAL NATURAL, UM PATRIMÔNIO

Há extração dos recursos realizada há tempos atrás pelo homem, era de caráter destrutivo, onde o único objetivo era atender suas necessidades, se preocupando apenas com sua sobrevivência. O impacto no ecossistema não era importante, uma vez que havia “muito” a ser explorado. O desmatamento era sinônimo de desenvolvimento econômico e produtivo, bem como julgava-se que o potencial de recuperação da natureza era maior, do que a área explorada, afinal o nível populacional exigia quantidades infinitamente menores de recursos.

A responsabilidade de regeneração sempre foi deixada por conta da natureza. Os estudos revelam que é premissa da natureza a renovação de todos os recursos por meio de ciclos naturais, porém alguns deles levam milhões de anos para se renovarem. Como o Brasil é fonte recorda que a manutenção da atual tendência, ou seja, os serviços ambientais que hoje são gratuitos não mais estarão disponíveis ou terão um alto custo num futuro não distante. Para ele, a perda do capital natural impactará diretamente nas operações das organizações, haja vista que atualmente, muitas já estão preocupadas e possuem em seus programas de gestão o desenvolvimento sustentável. Tratar com responsabilidade o ecossistema é um caminho obrigatório e quanto mais cedo às organizações se atentarem para suas responsabilidades, melhor atenderá a expectativa e preferência de seus *stakeholders*.

O conjunto de serviços ambientais representa o capital natural do planeta. Trata-se de um capital ameaçado pela ausência de direito de propriedade e de fungibilidade: não pode ser substituído por outro de mesma espécie, qualidade, quantidade e valor (ALMEIDA, 2007, p.13).

Embora seja pontuado como estratégico para as organizações muitas ainda tratam as questões socioambientais de maneira superficial, porém, é salutar refletir que a intervenção do homem na exploração de bens naturais é ameaçadora no tocante ao fluxo de caixa das mesmas.

Os dados do AEM (Avaliação Ecológica do Milênio) em Almeida (2007), mostra que são as classes mais baixas que sofrem de danos significativos, em alguns casos irreversíveis, pois elementos como água, pesca, regulação climática, controle de enchentes, desastres naturais, epidemias atingem a todos, mas

há um custo muito maior para as famílias menos estruturadas e com menos poder aquisitivo.

Há organizações que se apresentam comprometidas com o desenvolvimento sustentável de seus negócios, no entanto, o maior movimento está centralizado nas grandes organizações e a reflexão que buscamos é que as pequenas e médias empresas, até mesmo nosso comportamento individual, seja sócio-responsável, acompanhando os outros elementos que compõem a sociedade. Este alerta se faz necessário, pois segundo o levantamento da AEM em Almeida (2007), 60% dos serviços ambientais, que somam 24 em números absolutos, estão em estágio acelerado de degradação. Esse dado nos direciona ao entendimento de que estamos subtraindo muito mais do nosso ecossistema do que ele tem capacidade ou pode se regenerar.

3.2 A DIVISÃO DA RESPONSABILIDADE SOCIAL

Para se adequar a esta nova realidade, imposta pela sociedade e pelo mercado, muitas organizações começaram a rever a forma como elas têm lidado com os aspectos sócio-ambientais. Este posicionamento é observado neste trabalho, onde são apresentados os impactos ocasionados por ações direcionadas à responsabilidade socioambiental desenvolvidas por empresas do setor de celulose e papel que atuam no Estado de São Paulo. Este direcionamento proposto ao estudo se justifica pela relevância que os *stakeholders* têm depositado em organizações que atuam com a visão de sustentabilidade.

Em 2002, a Cúpula de Johannesburgo concluiu que sem o envolvimento de três

importantes atores não poderia haver formulação política ou solução para o tema em questão. Esses atores são conhecidos como os participantes do “mercado” econômico atual, sendo eles: empresas, governos e sociedade, devendo todos ser orientados pelo conhecimento científico.

Na mesma linha e de acordo com Almeida (2007, p.56), certifica-se que: “A meta do desenvolvimento sustentável requer capacidade de pensar e operar tendo em conta as três dimensões em conjunto, sem predominância de uma sobre as outras”.

Para que as ações desses atores sejam interatuantes, é fundamental o envolvimento mútuo. Zenone (2004) diz que a pressão exercida pela sociedade que está mais bem informada faz surgir às atividades empresariais socialmente responsáveis, no entanto, as maiores

pressões da sociedade têm se manifestado por meio de ONG's. Para que haja evolução no hábito dos atores é necessário envolver-se com objetivo de mudanças. Quanto a nós que representamos o papel de consumidores e contribuintes, cabe exigir mais ações tanto das organizações como dos governos, essas podem ser definidas pela mudança de comportamento. Das organizações empresariais a exigência se dá através do consumo de seus produtos e da veracidade de seus relatórios focalizados nos elementos socioresponsáveis; quanto ao governo exigir maior transparência de seus atos e

que a responsabilidade de governar seja daqueles que têm compromisso com a sustentabilidade.

Às empresas que buscam apresentar suas propostas sócio-responsáveis, torna-se relevante analisar se tais propostas não são simplesmente estratégias comerciais, ou seja, se a sua busca não é tão somente pela vantagem competitiva ou ganhos de imagem perante o mercado; quanto ao governo é necessário que seja entendido que o seu envolvimento precisa ser desvinculado de qualquer conotação de assistencialismo, filantropia ou paternalismo eleitoral.

A sustentabilidade mexe com as estruturas de poder. Além de exigir o equilíbrio de objetivos econômicos, ambientais e sociais, operar na sustentabilidade implica atuar num mundo tripolar, em que o poder tende a se repartir, de maneira cada vez mais equilibrada, entre governos, empresas e organizações da sociedade civil. (ALMEIDA, 2007, p. 129)

4 AS ORGANIZAÇÕES E SUAS ATUAÇÕES

Em observação a inúmeros estudos, o cientista John Holdren¹ cita que empresas como: GE, DuPont, Alcoa e Duke Energy imploram ao Congresso norte-americano que as regule nos aspectos socioambientais, ou seja, empresas de um país em que o próprio estado cria barreiras na discussão e no desenvolvimento do tema, estão muito preocupadas com o foco que vem sendo dado pelo governo e desejam dar suas contribuições, afinal, pelo potencial e nível técnico que estas possuem entendem perfeitamente a notável e temerária transformação que o ecossistema está sofrendo.

Preocupar-se com mudanças climáticas agora é tornar-se líder no futuro, é o que acredita o pesquisador Jonathan Porritt². Atuar de maneira sócio-responsável é se posicionar para quanto ao futuro da organização, Prahalad & Hamel (2005) dizem que competir pelo futuro é competir pela participação nas oportunidades, para empresas que buscam liderança ou procuram mantê-la, devem estar atentas às oportunidades que surgem diante ao grande problema ambiental que o mundo está passando.

Grandes oportunidades empresariais estão surgindo com a “onda verde”. Grandes investidores estão analisando projetos e também investindo neste segmento e o Brasil não está ficando de fora. Empresas

¹ Físico e cientista ambiental, Jornal Folha de São Paulo, 2 de janeiro de 2008, A12.

² Autor do livro “Capitalismo – Porque o mundo importa” sem tradução no Brasil. Jornal Administrador Profissional, Março de 2007.

como Mar & Terra, Adespec, Ecosorb já receberam investimentos de agências de capital de risco. Os projetos são respectivamente voltados à criação de peixes de rio tipicamente brasileiros evitando assim a pesca predatória; produção de colas, selantes entre outros que não utilizem solventes; absorventes higiênicos naturais e orgânicos de óleo e de outros produtos químicos que não danificam o meio ambiente.

A Stratus, gestora de capital de risco, fará seis aportes em negócios sustentáveis e o valor em caixa para estes investimentos somam 80 milhões de reais, e que acontecerão até o final de 2008. Nos EUA, o setor de capital de risco já investiu 3 bilhões de dólares em pequenas empresas que atuam com soluções ambientais. Com base nesses dados não resta dúvidas que o investimento em negócios que são desenvolvidos e alicerçados nos princípios da sustentabilidade, apresentará resultados satisfatórios aos seus *stakeholders* e em contrapartida estarão contribuindo positivamente para a manutenção de nosso ecossistema.

2020.

Na Califórnia, negócios ligados à sustentabilidade geraram investimentos de quase 1 bilhão de dólares em 2006, aplicados na área de tecnologias limpas.

O Japão, um país que sempre está se reinventando, é prova que não precisa ser grande territorialmente para estar na vanguarda das tendências e tecnologias para o setor. Ele é destaque pelas inovações tecnológicas, no entanto, estas trazem o desconforto do lixo tecnológico. Para resolver o problema, o governo japonês entrevistou por meio de um programa de reciclagem adotando regras de conduta para consumidores, varejistas e fabricantes. Atualmente a reciclagem atinge 49% do total de 570 milhões de toneladas anualmente geradas e movimenta 63

Outro bom exemplo que destacamos neste estudo é a experiência que a Alemanha, possuidora do maior parque eólico do mundo, produzindo 20600 megawatts de potência, representando 6% da demanda de energia no país e tem por meta até 2020 a geração de 20%. Por esse meio o país evitou emitir 27 milhões de toneladas de gás carbônico em 2006, cuja dependência energética nacional deriva de carvão, de gás natural da Rússia e de petróleo do Oriente Médio. A geração de energia eólica apresenta um impacto positivo na economia do país, a previsão de faturamento em 2007 era de 6,5 bilhões de euros, sendo que 70% desse valor referem-se às exportações de equipamentos e para próxima década a perspectiva é que o setor gere 100.000 empregos.

O Estado norte-americano da Califórnia também tem contribuído para o desenvolvimento sustentável. Na região o esforço vem sendo no sentido de mudar sua matriz energética e suas metas são ousadas. O uso de fontes de energias renováveis até 2017 é de 20%, e 33% para

bilhões de dólares. As grandes companhias decidiram ir além das definições governamentais. A Toyota, por exemplo, recicla 60% dos componentes dos veículos, mediante os 30% exigidos pelas autoridades que fiscalizam o setor. A meta estabelecida pela Associação dos Fabricantes de Automóveis do Japão é reciclar 95% até 2015. As ações descritas acima apresentam o quanto é relevante e necessário o desenvolvimento sustentável nas organizações, bem como sua viabilidade.

A abordagem desenvolvida até o momento objetiva agregar dados ao estudo explorando o tema, abrangendo principalmente as organizações, Estados e sociedade. O direcionamento do estudo é quanto à atuação sócio-responsável das

empresas do setor de celulose e papel, um setor que se destaca basicamente pela exploração de florestas. Neste setor a colheita torna-se impactante aos olhos daqueles que estão ao entorno de áreas reflorestadas que num período médio de 7 anos servem de abrigo aos animais silvestres, bem como as árvores colaboram com a manutenção do meio ambiente, com a paisagem e com o ar mais agradável.

Diante das diversas dificuldades climáticas por que passa o planeta Terra. Pode-se dizer que a exploração de florestas é um dos elementos que mais causam impactos, pois ela interfere diretamente nas condições ambientais e, por este motivo, as ações das organizações voltadas para este segmento precisam seguir critérios sérios e rígidos de manejo.

Hoje, as empresas precisam não apenas compreender as características econômico-financeiras de suas operações, mas também as dinâmicas ambientais, sociais e políticas que influenciam suas atividades cotidianas. (ALMEIDA, 2007, p. 155)

Michael Porter (2007) entende que a interação da sustentabilidade compreende aspectos: ambiental, social e econômico-financeiros e que este conceito deve estar no centro da estratégia das organizações. Nesta mesma linha o FSC³ (*Forest Stewardship Council*) apresenta o tripé da sustentabilidade das organizações definido como:

- Ambientalmente correta: manejo de florestas sem prejudicar solo, nascentes, lagos e rios e também a preservação da fauna e a flora nativa;
- Economicamente viável: dimensionamento de florestas, planejamento e controle não

afetando a produção da organização, e

- Socialmente justa: participação no desenvolvimento de comunidades em que há atuação da organização, melhoria nas condições que envolvam direta e indiretamente os colaboradores, bem como oportunidades de emprego e renda.

Um dos estudiosos do assunto, Ingo Plöger⁴ (2007), aponta que quem não se ativer à sustentabilidade não sobreviverá por muito tempo no meio organizacional; poderá até ter bons lucros imediatos, mas não conseguirá mantê-los no tempo em face às políticas e até ao crivo dos clientes. Há algum tempo, sustentabilidade era entendida como um eixo voltado às questões ambientais, contudo, há uma cadeia envolvendo o tema. Para uma empresa que atua diretamente com madeira, um dos requisitos é a certificação do FSC (*Forest Stewardship Council*). Para tal, é necessário adotar alguns princípios e políticas definidas pelo órgão em critérios que devem ser respeitados. Em consonância ao FSC, a organização é certificada com base nos seguintes princípios:

1. Respeito às leis e aos princípios da FSC;
2. Posse (propriedade) e uso da terra;
3. Povos indígenas e populações tradicionais;
4. Comunidades e trabalhadores;
5. Benefícios da floresta;
6. Impacto ambiental;
7. Plano de manejo;
8. Monitoramento e avaliação;

³ Forest Stewardship Council - Organização internacional fundada em 1993.

⁴ Ingo Plöger é coordenador do 1º Fórum de Líderes em Sustentabilidade.

9. Floresta de alto valor de conservação, e
10. Plantações Florestais.

Com base nestes 10 (dez) princípios, seguidos de avaliações realizadas pelo órgão, a empresa recebe a certificação. As empresas do segmento de celulose e papel têm, cada vez mais, buscado esta

certificação, pois além desta ser um atestado de que a empresa esta comprometida com ações sócio-responsável também abre portas para venda dos produtos com maior valor agregado no mercado externo, principalmente no continente europeu, onde estão os clientes que mais exigentes, conforme mostra a Tabela 1:

Tabela 1 - Exportação de Celulose por Destino

Continentes	Volume em toneladas	%
EUROPA	3.044.719	48,7%
ÁSIA E OCENIA	1.850.697	29,6%
AMÉRICA DO NORTE	1.274.822	20,4%
AMÉRICA LATINA	75.395	1,2%
ÁFRICA	101	0,0%
Total	6.245.734	100,0%

Fonte: 2006/2007. Relatório Anual BRACELPA.

Os dados do Relatório Responsabilidade Socioambiental das Empresas do Setor de Celulose e Papel 2006/2007, apresenta números que atestam o comprometimento dessas organizações e o Estado de São

Paulo tem uma forte representação nas ações desenvolvidas. A Tabela 2 apresenta os dados referente às ações desenvolvidas pelas organizações.

Tabela 2 - Ações de Responsabilidade Sócio-ambiental do Setor de Celulose e Papel no Estado de São Paulo

AÇÕES	TOTAL NO BRASIL	SP	% SP
FUNDAÇÕES E INSTITUTOS	6	1	17%
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO	45	17	38%
SAÚDE	80	37	46%
EDUCAÇÃO, TREINAMENTO E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL	77	33	43%
MEIO AMBIENTE	98	26	27%
CULTURA	64	27	42%
APOIO A COMUNIDADE	143	80	56%
ESPORTE E LAZER	38	17	45%
VOLUNTARIADO	18	11	61%
TOTAL DE AÇÕES	569	249	44%

Fonte: Relatório RS das Empresas do Setor de Celulose e Papel 2006 - BRACELPA

Os resultados apresentados pelo setor demonstram o compromisso das empresas, e estes são traduzidos em benefícios para a

sociedade, não focando somente a recuperação de recursos naturais, mas promovendo a justiça social e gerando

novas oportunidades de melhorias aos brasileiros em regiões muitas vezes remotas, BRACELPA (2006/2007).

Analisando o total de ações no Brasil, conforme dados apresentados na Tabela 2, o Estado de São Paulo absorve 44% do total das ações no país.

Fazer negócio com a base da pirâmide – ou adotar práticas de capitalismo inclusivo ou buscar sobrevivência sustentável – significa que a empresa encara as populações como parceiras, clientes e colaboradoras, induzindo melhorias de qualidade de vida com gestão ambiental responsável, obtendo e compartilhando lucros. (ALMEIDA, 2007, p. 179)

A mitigação dos impactos é o melhor resultado das ações tomadas pelas organizações do setor de celulose e papel. Ao analisar a Tabela 3, é possível identificar como o setor tem aplicado seus recursos objetivando o equilíbrio de suas

ações e, conseqüentemente, visando desenvolver seu crescimento de forma sustentável. As informações apresentadas contemplam 20 empresas associadas à BRACELPA, estas representam 80% da produção vendável de celulose e papel.

Tabela 3 - Distribuição de Recursos e Pessoas Beneficiadas

	DISTRIBUIÇÃO DOS RECURSOS APLICADOS EM INICIATIVAS SOCIAIS 2005/2006	PESSOAS BENEFICIADAS POR ÁREA DE ATUAÇÃO
VOLUNTARIADO	0,20%	50.226
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO	1,10%	25.529
ESPORTE, INTEGRAÇÃO E LAZER	1,30%	87.527
CULTURA	2,20%	148.081
APOIO À COMUNIDADE	10,00%	1.260.739
EDUCAÇÃO, TREINAMENTO E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL	10,80%	340.683
SAÚDE	19,40%	288.748
MEIO AMBIENTE	55,00%	330.912
TOTAL	100,00%	2.532.445

Fonte: Relatório Social das Empresas do Setor de Celulose e Papel 2006 – BRACELPA

A Tabela 2 apresenta o Estado de São Paulo com um percentual de 44% no universo das ações desenvolvidas pelas empresas de celulose e papel no país. Aplicando este percentual sobre o total de pessoas beneficiadas (Tabela 3), chega-se ao volume de 1.114.276 pessoas, ou seja, é a população paulista que beneficiada pelas empresas do setor de celulose e papel com o desenvolvimento de suas ações socioresponsáveis. Esse número representa aproximadamente 3% da população paulista, que é de 41.350.765⁵.

Atualmente o Estado de São Paulo conta legalmente com 645⁶ municípios sendo a média populacional por cidade é de 64.110 habitantes. Desta maneira em termos médios teremos 17 municípios beneficiados com as ações socioresponsáveis das empresas de celulose e papel, contudo, sabe-se que os maiores focos de investimentos socioresponsáveis estão no interior do Estado, o que amplia largamente o número de municípios participantes e/ou integrantes e beneficiados por tais ações.

Nota-se o compromisso do setor de celulose e papel pelos dados divulgados pela BRACELPA⁷, nota-se que o setor está trabalhando para o desenvolvimento sustentável, onde dos 1,7 milhões de hectares plantados para fins industriais, 1,4 milhão de hectares é de floresta certificada, o que amplia a relevância que as empresas estão dando ao setor e as ações promovidas por intermédio da certificação.

Em termos de postos de trabalho, o setor gerou 110 mil empregos diretos (indústria 65 mil, florestas 45 mil) e mais de 500 mil

empregos indiretos. Diante deste fato, o valor investido em ações sociais só no ano de 2006 foi de aproximadamente R\$ 585 milhões. Recordando Almeida (2007), "quando uma organização tem uma atuação no sentido amplo do termo, ela desenvolve uma relação sólida e permanente de confiança e credibilidade".

⁵ Dados extraídos do site <http://www.seade.gov.br/>, em 28 de Janeiro de 2008.

⁶ Dados extraídos do site <http://www.saopaulo.sp.gov.br/saopaulo/>, em 28 de Janeiro de 2008.

⁷ Dados extraídos do site <http://www.bracelpa.org.br/bra/estatisticas>, em 28 de janeiro de 2008.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nova economia denominada sustentabilidade motivou o desenvolvimento deste estudo; uma preocupação que se tornou negócio para nações e organizações que vislumbraram a oportunidade de se posicionarem como líderes em uma proposta de economia limpa, usufruindo e contribuindo com a manutenção do capital natural. Diante deste cenário, a compreensão dos dados do segmento de celulose e papel em suas ações sócio-responsáveis, tornou-se possível ter um melhor entendimento dos seus impactos.

A análise realizada no Estado de São Paulo foi dada pela pujança de sua economia no cenário nacional, bem como seu amplo o volume populacional. Neste sentido o estudo verificou em uma de suas vertentes que aproximadamente 1.114.276 habitantes são beneficiados diretamente com ações voltadas para o apoio as comunidades, saúde, educação, treinamento e capacitação profissional entre outros por empresas privadas do setor de celulose e papel. Outro elemento relevante fica em torno do comprometimento destas organizações em conquistar a certificação (geradora de diferencial competitivo) em órgãos mundialmente reconhecidos, principalmente no FSC, que apresentou amplo destaque no artigo.

A exploração de florestas certificadas é de 80% isso é uma clara evidência de que as organizações do setor buscam alinhar seus conceitos organizacionais a sustentabilidade do negócio. O comprometimento do setor de celulose e papel demonstrado no relatório da Bracelpa enaltece a importância que as organizações privadas têm no desenvolvimento da sustentabilidade em seu sentido amplo, uma vez que estão

trabalhando junto ao governo na manutenção de um conjunto de elementos socioambientais que são vistos de forma muito positiva pelo mercado. Este desafio exige união de forças, em que a responsabilidade socioambiental deve ser vista sob uma ótica tripolar, ou seja, governo, organizações e sociedade sendo acompanhados de conhecimento científico em seus movimentos e ações, conforme levantado na reunião da Cúpula de Johannesburgo, em 2002.

As ações socioambientais das empresas privadas do setor em estudo no Estado de São Paulo estão convergem com as necessidades impostas pelo governo e sociedade, mas principalmente em direção dos interesses dos *stakeholders*. Isso demonstra que a ampla preocupação com o futuro do meio ambiente e sociedade podem estar acima de muitos interesses comerciais, como era inimaginável anos atrás.

Enfim, o cenário avaliado neste estudo apresenta boas relações com inúmeros interesses socioambientais praticados pelas empresas de celulose e papel e, não tem como objetivo minar outras práticas socioambientais, mas motivar estudos mais abrangentes para causa. Contudo, se faz necessário a refletir quanto à atuação de organizações de outros segmentos em relação as suas ações socioresponsáveis, de forma que possa promover ao mesmo tempo o desenvolvimento e a sustentabilidade, uma vez que todos os setores devem atuar de forma conjunta na melhoria nas condições de vida dos seres humanos e no meio ambiente que convivem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando. **Os desafios da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007, 2ª reimpressão.

BARBIERI, José Carlos. **Gestão ambiental empresarial: conceitos, modelos e instrumentos**. São Paulo: Saraiva, 2004.

BRACELPA – Associação Brasileira de Celulose e Papel. **Responsabilidade Socioambiental das empresas do setor de celulose e papel**. São Paulo, 2006.

DRUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor** – entrepreneurship práticas e princípios. São Paulo: Thompson/Pioneira, 2003.

EXAME. **Estudo Exame Sustentabilidade**. São Paulo:Ed. 897, de 18 de Julho de 2007.

FSC Forest Stewardship Council. **Os 10 princípios e critérios**. Disponível em: <www.fsc.org.br>. Acesso em 15 de Janeiro de 2008.

HOLDREN, John. **EUA terão meta nacional de redução de emissões**. São Paulo: Folha de São Paulo, Caderno A12, 02 de Janeiro de 2008.

PLÖGER, Ingo. **O Valor insubstituível da sustentabilidade**. Disponível em: <www.infomoney.com.br>. Acesso em 16 de Novembro de 2007.

PRAHALAD, C. K., HAMEL, Gary. **Competindo pelo futuro: estratégias inovadoras para obter controle do seu setor e criar os mercados de amanhã**. Tradução de Outras Palavras, Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, 23ª reimpressão.

PORTER, Michael. **Competição:estratégias competitivas essenciais**. Rio de Janeiro:Editora Campus, 2007.

SEAD, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. **População**. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/master.php?opt=vmenu&tema=6>>. Acesso em 28 de Janeiro de 2008.

ZENONE, Luiz Claudio. **Reflexões sobre o conceito de marketing social e sua prática na atualidade**. Cadernos: Centro Universitário São Camilo, São Paulo, v. 10, n.3, p.43-53, jul./set., 2004.